

Mulheres no cortiço: a segregação feminina na obra de Aluísio Azevedo

Aline Cristine Vieira Lima

UNIPAM

Orientação: Prof. Dr. Luís André Nepomuceno

Resumo: Este artigo se propõe a analisar o livro *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, que caracteriza, pela estética naturalista, a vida e a sociedade carioca em 1890. Embora a obra esteja destinada a uma observação minuciosa de fatos e personagens no conjunto do romance naturalista, nossa ênfase maior será com relação às mulheres abordadas no livro: a mulher pobre, meretriz, lavadeira, inocente, perspicaz, amorosa, a dedicada ao marido, a mulher sensual, a que vivia em função dos filhos, mulheres independentes. O intuito de destacar estas mulheres é apresentar a verdade, as emoções de tais personagens e as impressões da realidade e simplicidade de muitas. Semelhanças no comportamento e no ponto de vida de alguns personagens fazem com que o leitor viva o ontem e o hoje envolvido no contexto histórico-social.

Palavras-chave: Romance Brasileiro – Naturalismo – Aluísio Azevedo – Literatura e Mulher

1. Considerações iniciais

Nasce em 14 de abril de 1857 em São Luís do Maranhão, Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, um jovem maranhense que desde cedo tinha forte inclinação artística para o desenho e a pintura. Devido a tal vocação, em 1876, embarca para o Rio de Janeiro a fim de matricular-se na Academia Imperial de Belas Artes. Ainda desponta-lhe um nítido interesse pela vocação literária, o que acaba o consagrando.

Azevedo seria um narrador perfeitamente realizado e completamente exaurido, sendo considerado a principal figura do romance naturalista no Brasil, devido a sua arte controlada pela observação direta. Publica em 1890, *O Cortiço*, por meio do qual podemos perceber que sua obra literária apresenta dois aspectos bem distintos: de um lado, um romance com um propósito de realização artística e, de outro lado, que o narrador não teve o cuidado de urdidura e da forma como teve nos primeiros.

Suas publicações lhe asseguram a sua presença na história da literatura brasileira, já que o autor segue de perto toda a técnica e o processo do naturalismo, deixando o melhor de seu espírito de observação e de análise, de harmonia e preocupação da obra-de-arte perfeitamente realizada.

Substituindo o romantismo pelo naturalismo, Aluísio era o pintor que deixava de pintar ao sabor da inspiração, para pintar diante do modelo vivo. A realidade circundante, o cenário de sua observação direta, permite ao romancista copiar os tipos que estão ao alcance de seus olhos. E daí advém a sua força e a sua originalidade. (MONTELLO, 1963, p. 10)

Aluísio Azevedo mostra a realidade urbana do Rio de Janeiro nos fins do século XIX. Destaca o problema da habitação, precisamente em Botafogo, onde se passa toda a narrativa de *O Cortiço*. É neste período que se tem o surgimento de cortiços, habitações coletivas. Há uma transposição da realidade objetiva para o romance guardando o máximo de fidelidade possível.

Aluísio não deixava de ser o narrador instintivo, urdindo a trama do livro com o senso de interesse do leitor. Com trechos expressivos, revela os seus melhores dons de romancista e aglutina os indivíduos no romance da multidão, ressaltando o reflexo de preconceitos da época abordados em uma rica caracterização do ambiente, com variedades de tradições e condições semelhantes de vida. Faz um retrato e se espelha no Rio de Janeiro, mostrando assim alguns traços marcantes da fisionomia urbana.

Só em *O Cortiço* Aluísio atinou de fato com a fórmula que se ajustava ao seu talento: desistindo de montar um enredo em função de pessoas, ateu-se à sequenciação de descrições muito precisas onde cenas coletivas de tipos psicologicamente primários fazem no conjunto do cortiço a personagem mais convincente do nosso romance naturalista. (BOSI, 1994, p. 190)

Os realistas, pelos fatos e pela tendência que possuem de encarar as coisas como na realidade são, merecem destaque. Eles opõem-se habitualmente ao idealismo e ao Romantismo, em virtude de sua opção pela realidade tal como é e não como deve ser. Procuram representar a verdade, sempre que o homem prefere deliberadamente encarar os fatos e deixar que a verdade dite a forma e subordine os sonhos ao real.

O Realismo logrou impor a pintura verdadeira da vida dos humildes e obscuros, os homens e mulheres comuns que estão habitualmente em torno de nós, vivendo uma vida compósita, feita de muitos opostos, bem e mal, beleza e feiúra, rudeza e requinte, sem receio do trivial e do monótono (COUTINHO, 1976, p. 185-186).

O realismo, com seu verdadeiro material, busca utilizar-se da verossimilhança no arranjo dos fatos selecionados, apontando assim uma direção essencial que se traduz no uso da emoção que deve fugir ao sentimentalismo ou à artificialidade. Os incidentes de enredo decorrem do caráter das personagens e dos motivos humanos que dominam as ações. O realismo retrata e interpreta seres humanos completos, vivos, cujos motivos e emoções fornecem uma interpretação objetiva da vida. Ele ainda tem a relação com a Psicologia, pois coincide com o desenvolvimento da ciência da alma humana, já que se direcionou para o corpo e a vida exterior, e para o espírito e a vida interior.

O Realismo tem também uma técnica e um método específico. Assim é que a precisão e a fidelidade na observação e na pintura são essenciais características realistas. Usam-se detalhes aparentemente insignificantes na pintura de personagens e ambientes. E esses detalhes devem ser reunidos e harmonizados, para dar a impressão da própria realidade. Recolhidos os fatos, há que dar-lhes certo arranjo de acordo com um propósito artístico, a fim de criar uma unidade especial (COUTINHO, 1976, p. 187).

A escola naturalista se preocupa muito com o espírito de observar e analisar a realidade. Esta realidade não é idealizada ou imaginada através da razão, mas sim, através dos sentimentos, uma realidade materialmente verdadeira. Faz uma análise em profundidade, de fatos psicológicos e sociais que assinalam a estética do real.

Os escritores realistas até então mostram possuir uma nova visão de mundo. Eles assumem compreender e explicar a realidade, através de fatos para poder conhecê-los com precisão: “Preocupação com a observação e análise da realidade. Trata-se de uma análise em profundidade, a fim de evitar uma visão grosseira e deformada pela observação comum; é necessário assinalar os valores morais e estéticos do real” (FILHO, 1995, p. 240).

Aluísio Azevedo destaca a preocupação com os aspectos de inferioridade dos personagens. Com clareza, equilíbrio, harmonia na composição, o autor se preocupa com a “perfeição formal” utilizando uma linguagem próxima da realidade.

Os naturalistas se preocupam com a época contemporânea, ao mesmo tempo em que analisam fielmente o interesse da sociedade colocada em questão. Ao analisar e compreender os reflexos socioculturais, eles demonstram as atitudes, o modo de vida, os relatos, os comportamentos, bem como a despreocupação com a amoralidade, desde que o fato observado e analisado tenha interesse.

Entre os naturalistas predomina uma concepção materialista do homem que enfatiza o equilíbrio e a harmonia na visão intencional da realidade. Algumas questões do comportamento e da cultura sobre camadas populares merecerão destaque no artigo, tais como: miséria, adultério, criminalidade, desequilíbrio psíquico com a intenção de reformar a sociedade.

A universalidade e fidelidade aos fatos conduzem o Naturalismo a certo amoralismo, certa indiferença, não importando assim a opinião sobre atos em si. O naturalismo amplia as características do Realismo, acrescenta e acentua uma visão mais nítida do comportamento humano.

2. As Mulheres no cortiço

A estética de Aluísio está repleta de fatos e depoimentos femininos, hábitos estes que são desenvolvidos em habitações populares, os cortiços. O autor procura destacar o comportamento e o modo de vida de algumas personagens bem como as condições socioeconômicas do universo feminino do século XIX.

Sua narrativa caracteriza o ambiente, preocupando-se com a época e os conflitos que interessam à sociedade, sobretudo pelas camadas mais baixas. Neste ambiente total-

mente envolvente, o destaque maior será dado às mulheres. Elas serão abordadas no contexto social fazendo vir à tona a contribuição feminina no processo histórico.

Acontecimentos e sentimentos que marcaram as mulheres serão abordados, visando a uma maior compreensão. A obra *O Mulato*, também escrita por Aluísio Azevedo será colocada em questão para se contrapor a alguns personagens que se assemelham em determinados comportamentos sociais.

A visão da própria realidade visa interpretar e entender as razões, motivos e o caráter das personagens: Bertoleza, Dona Estela, Leónie, Leocádia, Rita Baiana, Piedade de Jesus, Leandra, Ana das Dores, Neném e Augusta Carne-Mole.

2.1. As solteiras

A mulata Rita Baiana, envolvente e sensual, vivia amasiada com Firmo. Gostava de ter sua própria autonomia. Diz a personagem: “Casar? Protestou a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar! Livra! Para quê? Para arranjar cativo? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que é a gente é escrava! Nada! Qual! Deus te livre!” (AZEVEDO, 1979, p. 85).

A grande maioria das mulheres populares tinha a própria maneira de pensar e viver. Tinha um linguajar mais solto e menos inibido que o das outras de classe social, e vivia em regime de concubinato, já que os altos custos das despesas matrimônios as levavam a este regime.

Tal atitude representava preconceitos da época, já que a mulher era símbolo de modelo do lar e do marido, enquanto as solteironas eram mulheres perdidas, indignas e perigosas por servirem de descaminho para as “filhas de família”.

Leónie era na verdade uma verdadeira rameira em potencial, uma meretriz, prostituta. Ela, que era madrinha de Pombinha, acaba a levando ao mundo da prostituição. “O descompasso entre a moralidade oficial e a realidade agia ainda de outra forma para fazer vítimas entre mulheres pobres: promovia, entre as mais ingênuas, a convicção de que se não podiam ser santas, só lhes restava ser putas” (FONSECA, in PRIORI, 1997, p. 532).

Na verdade, o que se propunha no mercado de emprego até então para mulheres de origem humilde e de baixa escolaridade não era muito satisfatório. O que importava era ser jovem e bonita, a prostituição era o que aparecia para muitas destas jovens. Muitas das meretrizes eram casadas ou viviam amasiadas. Suas atividades não eram bem vistas pela moral burguesa e tão pouco pelo marido. Era considerado um modo de vida desvinculado das normas oficiais.

Pombinha era bonita, querida por todos no cortiço. Tinha um noivo, João da Costa e era filha de Dona Isabel, uma pobre mulher seguida de desgostos. Fora casada com um dono de casa de chapéus que quebrou e suicidou-se. Pombinha era a flor do cortiço. A história

da jovem gira em torno do fato de ela ainda não ser moça, já que ainda não havia tido sua primeira menstruação.

A honra da mulher constitui-se em um conceito sexualmente localizado do qual o homem é o legitimador, uma vez que a honra é atribuída pela ausência do homem, através da virgindade, ou pela presença masculina no casamento. Essa concepção impõe ao gênero feminino o desconhecimento do próprio corpo e abre caminhos para a repressão de sua sexualidade. Decorre daí o fato de as mulheres manterem com seu corpo uma relação matizada por sentimentos de culpa, de impureza, de diminuição, de vergonha, de não ser mais virgem, de vergonha de estar menstruada etc. (SOIHET, in PRIORI, 1997, p. 389)

A personagem sofre uma desvinculação por parte de sua madrinha Leónie, que a leva para a prostituição. Pombinha se vê insatisfeita com sua vida e totalmente seduzida ao que lhe é imposto. Ela nos remete à jovem Ana, de *O mulato*. Apaixonada pelo jovem Raimundo, se vê obrigada a abrir mão de seu amor, devido aos preceitos de seu pai e de sua avó. Por ele ser negro, filho de uma escrava, o amor de ambos era impossível.

Após relutar e tentar até uma fuga, a jovem não consegue. Raimundo é assassinado por seu “prometido”. O fim do romance é impressionante, já que Ana tem uma mudança radical: torna-se casada e com dois filhos perante a sociedade que tanto a questionava.

2.2 As adúlteras

Dona Estela, personagem de *O Cortiço*, traíra seu esposo Miranda. Este, por sua vez, preferia manter-se perante a sociedade, evitando maiores conflitos. “O escândalo do adultério é completado pela degenerescência moral e física de toda a espécie, jogo, doença, cor de pele, libertinagem sexual.” (FONSECA, in PRIORI, 1997, p. 52).

Miranda prefere perdoar a esposa e fingir que nada havia ocorrido, para manter sua postura perante a sociedade.

Leocádia é mulher do ferreiro Bruno. Portuguesa, pequena, traía Bruno com Henrique. Leocádia sai de casa, enquanto seu esposo fica totalmente sem rumo. Assim como Miranda, ele perdoa a traição da esposa e vai até a sua procura pedindo o seu retorno. Era uma humilhação, perder a mulher por outro homem. De acordo com o código Penal do Brasil, em 1890, só a mulher era penalizada, sendo punida. O homem era apenas considerado como adúltero.

Outra traição merece destaque: a do pedreiro Jerônimo, que se vê totalmente seduzido e atraído pela mulata Rita Baiana, a quem faz de tudo para mantê-la em seus braços. Jerônimo trai sua esposa Piedade de Jesus, que lhe tinha total submissão e dedicação. Uma mulher dotada de sensibilidade nos seus mais diversos âmbitos, Piedade, que vivia em dedicação ao marido e ao trabalho no lar, sofre quando Jerônimo a abandona. “A fidelidade obrigatória era impossível de ser mantida pelo homem cuja sexualidade era excessivamente

exigente, resvalando a qualquer sedução. Julgava-se dever da esposa a compreensão de tais fraquezas.” (SOIHET in: PRIORI, 1997, p. 384).



Di Cavalcanti, *Mulher sentada com a mão no queixo*, s. d.

2.3 As lavadeiras, mulheres independentes

No Cortiço existiam aquelas mulheres que trabalhavam nas tarefas tradicionalmente femininas, eram as lavadeiras. Na obra, podemos destacar: Leandra “a machona”, portuguesa feroz. Tinha duas filhas, uma que era casada e a outra separada do marido.

Ana das Dores, “a das Dores”, morava em uma casinha à parte, mas toda a família habitava o cortiço. Neném era espigada, franzina e forte. Já Augusta Carne-Mole era brasileira, branca e casada com Alexandre, um mulato de quarenta anos, soldado da polícia.

O trabalho destas mulheres pobres era um trabalho honesto, fica evidente que muitas delas eram responsáveis pelo sustento principal da casa. E mais, muitas ficam divididas entre o trabalho fora de casa e ser dona de casa.

A mulher pobre, cercada por uma moralidade oficial completamente desligada de sua realidade vivia entre a cruz e a espada. O salário minguado e regular de seu marido chegaria a suprir as necessidades domésticas só por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar à miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o pejo da mulher pública. (FONSECA, in: PRIORI, 1997, p. 516).

2.4. A mulher subordinada

A personagem Bertoleza se destaca não somente por ser a principal, mas pelo contexto da obra. Vivia “amasiada” com João Romão, que tinha o intuito apenas de se enrique-

cer com o trabalho de Bertoleza. Esta ainda vivia em estágio de escravidão, já que era totalmente submissa a tal. Eles garantiam a sobrevivência com o trabalho de Bertoleza e João deixava-se sustentar por ela.

Além de tudo isso, João Romão tinha vergonha de Bertoleza, por ser negra. Seu intuito era enriquecer e depois entregá-la ao seu dono, já que era escrava. João queria uma mulher branca e da sociedade. Seus sentimentos com relação a ela eram de pura repugnância. A cena final da obra retrata isso. Nela, Bertoleza, em pleno trabalho descamando peixes é surpreendida por policiais. Denunciada por aquele a quem tanto sempre dedicou trabalho e sua vida, ela crava a própria faca em seu peito.

3. Considerações finais

Este trabalho teve o intuito de analisar as diversas faces da mulher na obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e mostrar que foi mais um passo para a percepção das reflexões sobre o mundo atual. Com diferentes personagens e uma narrativa rica, o romance tenta nos mostrar fatos que nos remetem à metrópole moderna de hoje, analisando os valores familiares da sociedade, bem como dinâmicas sociais e padrões de organização familiar da sociedade atual.

Com uma linguagem simples, natural, direta, o autor utiliza imparcialidade e objetividade para ressaltar atos, o destino, o caráter e as motivações dos personagens. A estrutura da obra é basicamente o predomínio dos personagens sobre o enredo. Retrata a realidade destes utilizando um recurso de descrição detalhada do ambiente onde a cena foi ocorrida. A narrativa dá ênfase à liberdade de expressão das personagens, destacando suas condições psicológicas e morais.

O Cortiço, através de várias mulheres apresentadas, nos remete a uma imitação da vida real, ou seja, temos os assuntos do mundo real de maneira objetiva, documental e fotográfica sem a participação do subjetivismo do artista. Não se tem uma visão demasiada, ordenada da vida, o que parece artificial, já que a vida possui um ritmo irregular.

A narrativa move-se lentamente, devido à intensa caracterização das ações. Há uma fidelidade a todos os fatos, não importando a opinião sobre os atos, mas os atos em si mesmos. O romance tenta mostrar as vidas de todas as mulheres que foram destacadas como realmente são, utilizando-se da técnica da observação e documentação.

Nenhuma atitude de tais mulheres apresentadas não é gratuita, há sempre uma explicação lógica e cientificamente aceitável para tais comportamentos. Uma literatura de construção à qual se confundem os sentimentos com os dos personagens. O intuito seria denunciar as desigualdades sociais através de uma pintura verdadeira da vida dos humildes e obscuros, através das várias mulheres que estão habitualmente em torno de nós.

Aluísio Azevedo consegue conduzir o drama das mulheres adúlteras, solteiras, lava-deiras, independentes e subordinadas, fazendo com que o próprio desfecho não pareça arbitrário, mas uma transposição dos casos reais.

Por meio de um contexto político e social, o autor relata a situação de miséria das “camadas populares” em que vivia boa parte da população brasileira do séc. XIX, o que de certa forma, serve para a situação de hoje. Ele faz com que o leitor perceba deslizes entre o ontem e o hoje. Tenta nos mostrar o óbvio, com um olhar crítico, ou seja, a miséria escandalosa em que vive boa parte de nossa população.

Pelos valores familiares, destaca também o aumento do número de famílias chefiadas por mulheres, ou seja, relata-nos a autonomia da mulher.

Tem-se que uma intensa urbanização trouxe a integração dos trabalhadores na cidade. As mulheres das camadas populares possuíam características próprias e condições concretas de existência. Elas se adaptavam às características dadas como universais ao sexo feminino: submissão, recato, delicadeza, fragilidade. Eram mulheres que trabalhavam muito e tinham sua própria maneira de pensar e agir, assim como a grande maioria delas assumia a responsabilidade integral familiar. Temos então a compreensão sobre a realidade vivida por estes grupos subalternos: mulheres e pobres.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979. Os Grandes Clássicos.
- _____. *O mulato*. São Paulo: Livraria Martins. 1997.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 187-194.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 8. ed. Civilização Brasileira, 1976. p. 179-1997.
- D'INCAO, Maria Ângela. “Mulher e Família burguesa”, in: PRIORI, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- FILHO, Domício Proença. *Estilos de Época na Literatura*. 15 ed. São Paulo: Ática, 1995. p. 238-239.
- FONSECA, Cláudia. “Ser Mulher, mãe e pobre”, in: PRIORI, Mary del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- MONTELLO, Josué. *Aluísio Azevedo*. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1963.
- MOTT, Maria Lúcia & MALUF, Marina. “Recônditos do mundo feminino”, in: SEVECENKO, Nicolau (org). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.
- SOIHET, Rachel. “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano”, in: PRIORI, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.